

# Nos EUA, mulheres vão às ruas em atos pelo direito ao aborto

*Alguns pré-candidatos democratas à presidência, que concorrem pela nomeação do partido, participaram. Nas últimas semanas, vários estados americanos passaram leis que vetam ou restringem o acesso ao aborto.*

[\(G1, 21/05/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Em várias partes dos Estados Unidos, manifestantes foram às ruas nesta terça-feira (21) em atos pelo direito ao aborto no país. Nas últimas semanas, diversos estados - como [Alabama](#), [Geórgia](#) e [Missouri](#) - aprovaram leis que restringem ou vetam o acesso ao procedimento, que é um direito garantido por decisão federal.

Vários manifestantes se concentraram em frente à Suprema Corte, em Washington - [incluindo democratas que concorrem à nomeação partidária](#) para a campanha de 2020, segundo a agência de notícias Reuters.



Na foto, Kristin Mink, segura um bebê no colo em frente à Suprema Corte, em Washington. Do lado dela, o cartaz diz “eu existo porque minha mãe fez um aborto”. Segundo a Associated Press, ter tido acesso a um aborto em uma gravidez anterior possibilitou que Kristin desse à luz essa criança. (Foto: Jacquelyn Martin/AP)

Nos Estados Unidos, o direito ao aborto é garantido pela decisão “Roe v. Wade”, proferida em 1973 pela Suprema Corte, que garante o direito ao procedimento até o chamado “ponto de viabilidade” do embrião - entre 24 e 28 semanas de gestação. Depois disso, considera-se que o feto pode sobreviver fora do útero da mulher, e o aborto pode ser feito se houver risco de vida para ela.

“Nós não vamos permitir que eles façam o nosso país voltar atrás”, afirmou a senadora Amy Klobuchar, que concorre à nomeação democrata. Outro candidato, Cory Booker, pediu à multidão que “acordem mais homens para se juntarem a essa luta”.

O protesto em frente à Suprema Corte é um dos vários marcados para esta terça (21) ao redor do país, por entidades como a ACLU - sigla para American Civil Liberties Union, entidade que defende direitos civis nos Estados Unidos -, o Planned Parenthood e o Nara Pro-Choice America.



Ativistas a favor do aborto seguram um cartaz com a hashtag “parem os vetos” em Austin, no Texas, nesta terça-feira (21). (Foto: Jay Janner/Austin American-Statesman via AP)

O pré-candidato Pete Buttigieg, que também participou dos protestos em Washington, afirmou que “minha campanha inteira é sobre liberdade”, de acordo com a Reuters. Buttigieg é o único candidato abertamente gay a concorrer à nomeação democrata.

A senadora Kirsten Gillibrand, também pré-candidata, afirmou que “este é o começo da guerra do presidente Trump contra as mulheres. Se ele quer a guerra dele, ele vai ter a guerra dele, e vai perder”, disse. Gillibrand já afirmou que, se eleita, só vai indicar juízes e membros da Suprema Corte que concordem com a decisão proferida em *Roe v. Wade*.



Na foto, Laurie Ploch segura um desenho de um útero com os dizeres “meu, não seu” em frente à Suprema Corte em Washington, capital dos Estados Unidos. (Foto: Jacquelyn Martin/AP)

O presidente Donald Trump, que é contrário ao aborto, usa a questão para agitar os seus apoiadores de base, diz a Reuters. Trump declarou no sábado (18) [ser “decididamente pró-vida”](#), embora favorável a exceções para a interrupção da gravidez em casos de estupro ou incesto. Essas duas restrições não estão na lei que foi sancionada no Alabama na semana passada.

---

## O ensaio de um novo ‘Me Too’,

# agora a favor do aborto

*Com a aprovação de uma restritiva lei contra o aborto no Alabama, mulheres que já abortaram tentam estimular uma nova mobilização em redes sociais*

**(El País, 20/05/2019 - acesse no site de origem)**

Na noite da última [terça-feira, o Senado do Estado do Alabama](#), nos Estados Unidos, aprovou uma lei contra o aborto que só deixa uma brecha: se a vida da mãe estiver em perigo. Nessa mesma madrugada, a conhecida atriz e apresentadora de televisão Busy Philipps (Oak Park, Illinois, 1979) publicou no Twitter: “Uma em cada 4 mulheres abortaram. Muitas pessoas pensam que não conhecem alguém que o tenha feito, mas [#youknowme](#) [você me conhece]. Então façamos o seguinte: se você também é uma dessas quatro, compartilhe e vamos começar a acabar com a vergonha. Use [#youknowme](#) e compartilhe sua verdade”.

*1 in 4 women have had an abortion. Many people think they don't know someone who has, but [#youknowme](#). So let's do this: if you are also the 1 in 4, let's share it and start to end the shame. Use [#youknowme](#) and share your truth.*

— Busy Philipps (@BusyPhilipps) [15 de maio de 2019](#)

Assim, com 218 caracteres, começou o ensaio de um novo *Me Too*, desta vez a favor do aborto. Em pouco mais de 24 horas teve mais de 8.900 mensagens reencaminhadas, mais de 44.700 *likes* mais de 2.000 respostas. A publicação no Twitter de Philipps, que na semana passada falou na televisão sobre sua experiência, foi o começo de uma sequência de declarações em várias redes sociais de mulheres anônimas e conhecidas e reconhecidas em suas áreas que também já têm milhares de respostas, compartilhamentos e *likes*.

Entre elas Milla Jovovich, que escreveu no Instagram sobre sua própria experiência com um parto prematuro que terminou sendo um aborto de emergência há dois anos: “Foi uma das experiências mais horríveis pelas

quais precisei passar. Ainda tenho pesadelos”. Ela afirma em uma longa postagem que nunca quis falar daquilo, mas que a situação atual não lhe permite “permanecer em silêncio quando há tanto em jogo”: “Precisamos lutar para assegurar que nossos direitos sejam mantidos, para obter um aborto seguro caso seja necessário”.

Lady Gaga também participou, publicando uma imagem com um texto em que fala de “indignação”: “Tão atroz que exclui as que foram estupradas e sofreram incesto com ou sem consentimento. Há, portanto, uma pena mais alta para o médico que realiza essas operações do que para a maioria dos estupradores? Isso é uma farsa e rezo por todas essas mulheres e jovens que sofrerão graças a esse sistema”. E a primeira publicação no Twitter feita pela democrata Hillary Clinton sobre o assunto já foi respondida por mais de 9.000 pessoas. [“As proibições do aborto no Alabama, Geórgia, Ohio, Kentucky e Mississipi são ataques atrozes contra a vida das mulheres e as liberdades fundamentais. Os direitos das mulheres são direitos humanos. Não iremos retroceder”](#).

Nos últimos tempos, 16 Estados norte-americanos aprovaram e estão trabalhando em legislações que pressionam o aborto, um direito constitucional protegido pela emenda 14 da Carta Magna que os Estados Unidos conseguiram blindar após a sentença conhecida como Roe versus Wade em 1973. Decisões como a do Alabama - que espreme o direito até proibi-lo em qualquer etapa da gestação, incluindo se houve incesto e estupro, e penaliza com até 99 anos de prisão o médico que o praticar -, voltam [a levantar as mulheres norte-americanas](#).

No Brasil, [um lobby anti-aborto se fortaleceu nos últimos tempos](#), e ganhou terreno fértil com a mudança de Governo. Um grupo organizado de parlamentares tenta influenciar 35 projetos sobre direitos sexuais e reprodutivos que tramitam no Congresso. Um deles tenta reavivar a chamada PEC da Vida, que pretende retroceder dos direitos das brasileiras abortarem em caso de estupro, má formação do feto e risco de vida às mães.

[Em 15 de outubro de 2017, às 22h21, essas mesmas mulheres](#) começaram a republicar e torná-la sua a publicação no Twitter da atriz Alyssa Milano que iniciou o movimento *Me Too*: “Se você também sofreu agressão sexual e foi

assedida escreva 'eu também' como resposta a essa publicação". Ela respondeu a si mesma e outras 65.000 pessoas também o fizeram, quase todas mulheres.

No Brasil, [um lobby anti-aborto se fortaleceu nos últimos tempos](#), e ganhou terreno fértil com a mudança de Governo. Um grupo organizado de parlamentares tenta influenciar 35 projetos sobre direitos sexuais e reprodutivos que tramitam no Congresso. Um deles tenta reavivar a chamada PEC da Vida, que pretende retroceder dos direitos das brasileiras abortarem em caso de estupro, má formação do feto e risco de vida às mães.

[Em 15 de outubro de 2017, às 22h21, essas mesmas mulheres](#) começaram a republicar e torná-la sua a publicação no Twitter da atriz Alyssa Milano que iniciou o movimento *Me Too*: "Se você também sofreu agressão sexual e foi assediada escreva 'eu também' como resposta a essa publicação". Ela respondeu a si mesma e outras 65.000 pessoas também o fizeram, quase todas mulheres.

---

## **Universidades dos EUA começam a enfrentar seu passado escravocrata**

*A jesuíta Georgetown anuncia que dará facilidades de acesso aos descendentes de 272 escravos vendidos em 1838*

**[\(El País, 04/09/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

"Eu me chamo Joe Stewart e sou descendente de um dos 272. Vocês dizem que a única coisa que falta neste debate são os rostos dos afetados. São estes", disse solenemente este homem afro-americano, indicando com a mão quatro mulheres que, ao lado dele, participavam de um ato cerimonioso na

Universidade Georgetown (Washington). Os 272, seus ancestrais, eram os escravos que os jesuítas venderam em 1838 para saldar uma dívida e garantir a sobrevivência da que hoje é uma das melhores universidades do mundo: 115.000 dólares da época - 3,3 milhões de dólares atuais (10,8 milhões de reais)- por um grupo de famílias que foram separadas por seus compradores ao chegarem em Louisiana, ao contrário do prometido.



Joe Stewart posa ao lado de Patricia Bayonne-Johnson em Georgetown. Os dois descendem do grupo de escravos vendidos em 1838. (Foto: Joshua Roberts/ Reuters)

Os investigadores da universidade afirmam que os jesuítas possuíam mais de mil escravos nas plantações da região. Não eram os únicos. Brown, Princeton e Emory também os tiveram. Apesar de esse episódio ser amplamente conhecido pelos historiadores, o assunto é o centro de um intenso debate público desde o ano passado, quando o movimento estudantil contra a discriminação racial chamou a atenção para isso. E agora é parte do debate sobre a divisão racial do país.

Georgetown, a primeira instituição educacional católica dos EUA e uma das



mais prestigiadas do país, deu um passo histórico na quinta-feira ao anunciar que oferecerá reparações aos descendentes dos 272 e lhes dará preferência para estudar em suas classes. A instituição também anunciou que um de seus edifícios se chamará Isaac, nome de um dos escravos vendidos, e outro será batizado em homenagem a uma professora afro-americana que pertenceu a uma ordem católica.

“O demônio que definiu os primeiros anos da república estava presente aqui”, afirmou na quinta-feira o presidente da Universidade Georgetown, John DeGioia, ao anunciar a decisão, que coincide com a publicação de um relatório realizado pela própria instituição sobre seu passado escravocrata. A universidade jesuíta celebrará também uma missa na qual “buscará o perdão por ter participado da instituição da escravidão, especificamente pela venda de 272 crianças, mulheres e homens que deveriam ter sido considerados membros de nossa comunidade”.

“Georgetown merece reconhecimento por ter tomado essa decisão que demonstra seu compromisso de participar de uma conversação de longo prazo sobre como curar as feridas”, afirma Craig Steven Wilder, autor do livro *Ebony & Ivy*, dedicado à herança escravagista das universidades dos Estados Unidos. “Mas os relatórios e as conversações não curam. Precisamos de ações concretas.” O especialista sente falta de um compromisso econômico mais sólido por parte da Georgetown e medidas que favoreçam a entrada de mais estudantes afro-americanos, que representam agora 6% de seus 18.500 alunos.

Karran Harper Royal também. Ela foi a encarregada na sexta-feira de ler o comunicado dos descendentes dos 272. Enquanto Georgetown investigava seu rastro com peritos em genealogia, esta trabalhadora da área social de Luisiana começou a fazer o mesmo pela Internet, prosseguiu nos arquivos dos museus e viajou a antigas plantações. “É uma descoberta que estou aprendendo em tempo real. Há milhares de pessoas conectadas”, explica. “E eu precisava saber por que sou quem sou.” Graças aos testes de DNA, sabe que seu marido e filhos descendem de um dos escravos que a universidade vendeu. “Georgetown deu um bom passo, mas queremos trabalhar com eles para que sigam ainda mais longe.”

Wilder afirma que os 272 pertenciam à última geração escravizada na universidade, onde fazia cinquenta anos eram empregados em serviços de construção, manutenção ou para atender funcionários e estudantes. Como Georgetown, a Universidade Brown anunciou em 2006 a criação de um instituto para o estudo da escravidão e um monumento em nome de suas vítimas. Outras instituições deram passos semelhantes, mas numa em forma de compensações econômicas.

“Eles têm medo do termo reparações e temem criar um precedente que teria um custo importante”, explica o historiador do Massachusetts Institute of Technology. “Estamos falando de algumas das instituições mais ricas do país.” O escritor documentou em seu livro como a época de maior crescimento nas universidades dos EUA, em meados do século XVIII, coincidiu com um dos picos históricos do tráfico de escravos. Na época somavam 400.000 pessoas escravizadas. Um século depois eram quatro milhões: a quinta parte da população.

A identificação dos descendentes diretos é praticamente impossível pela falta de registros oficiais. Universidades como Brown, Princeton e Emory não registraram a venda de escravos, já que isso correspondia às famílias às quais cada instituição pertencia na época. Em Georgetown, a história é diferente. “É mais fácil identificá-los porque os jesuítas guardavam arquivos de todas as suas atividades empresariais”, afirma Wilder.

Os protestos estudantis dos últimos anos, reivindicando gestos como o da Georgetown, coincidiram também com a publicação de novas pesquisas e trabalhos em torno da herança da escravidão em empresas, instituições e universidades de todo o país que escoraram seu sucesso econômico com o trabalho de mão de obra escrava.

É a última tentativa de recuperar o debate da reconciliação iniciado por Boris Bitker em 1971, com seu ‘Argumento pelas reparações a afro-americanos’ para “curar as feridas (...) de quem levará durante décadas as cicatrizes de séculos de escravidão”. Em termos semelhantes, Harper Royal explicou na sexta-feira em Georgetown que querem “romper as correntes dos corações e das mentes de quem nunca foi fisicamente escravizado, mas ainda assim trabalha sob os vestígios da escravidão em nosso país”.

# Uso de banheiros por transgêneros polariza opiniões nos Estados Unidos

**(Folha de S.Paulo, 08/08/2016)** É problema seu um transgênero escolher que banheiro usar? O Partido Republicano acha que sim, e condenou em sua plataforma uma orientação presidencial para alunos de escolas públicas frequentarem o sanitário no qual se sintam mais confortáveis.

“Eles estão determinados a remoldar [...] nossa sociedade inteira, para encaixá-la numa ideologia alienígena à nossa tradição”, diz o texto, apresentando na convenção no partido, em julho.

Na quarta (3), a Suprema Corte do país bloqueou uma ordem judicial que dava a um aluno transgênero do Estado da Virgínia, Gavin Grimm, 16, o direito de usar o banheiro com a placa “eles” —nascido com órgãos femininos, desde pequeno ele dizia “Sou igual a ele!” ao ver o irmão gêmeo.



O estudante transgênero Gavin Grimm, 16; ele perdeu batalha judicial sobre uso de banheiro nos EUA (Foto: Steve Helber/Associated Press)

O tema tem sido uma dor de cabeça para Barack Obama, desde que 11 Estados entraram na Justiça contra seu governo, em maio, reagindo a uma diretriz sua pró-direitos dos transgêneros.

A medida —que veio após vários Estados (a maioria do Sul e sob governo republicano) implantarem leis de liberdade religiosa que autorizam alguém a negar serviços à comunidade gay— não tem força de lei, mas instituições que a desobedeçam arriscam perder verba federal.

Se Obama diz que proteger a “dignidade das crianças” é obrigação, a coalização liderada pelo Texas diz querer “garantir a segurança” delas.

Charge divulgada pelo grupo Jovens Conservadores resume o argumento de quem é contra a flexibilização: um homem de pernas peludas, sorriso sardônico, máquina fotográfica e camisa do Partido Democrata entra no banheiro feminino. Ao lado da filha pequena, uma mãe olha apavorada. “Relaxe, senhora, sou transgênero.”

Se a “agenda LGBT ganhar”, diz a publicação republicana, “homens

perversos se disfarçarão para alimentar suas fantasias ridículas”.

## **RISCOS**

A ativista texana Michelle Stafford discorda: “Você tem noção de que está direcionando uma pessoa que toma hormônios para ganhar pelos e músculos a entrar no banheiro feminino? E o que ocorrerá no compartimento masculino com o indivíduo que fez implante de seios, removeu seus pelos e possivelmente seus ‘apêndices’ masculinos?”.

“Dê um Google”, sugere Kaeley Triller, listando chamadas de jornal nas quais teoria conservadora virou prática: Reese, 33, sufoca garota de 8 até ela desmaiar em Chicago; com peruca e roupa de mulher, Jason, 33, é preso após gravar as clientes de uma loja californiana por “horas” com câmera escondida.

Para Triller, “é negligente sobrepor o conforto emocional de uma minoria à segurança física de um vasto grupo de pessoas vulneráveis”.

Ela se define como “contadora de verdades”, “seguidora de Jesus” e “sobrevivente de um estupro”, na infância.

“Ele [o abusador] gostava de me ver tomando banho, ficava lá rindo”, conta à Folha. “Forçar-nos a compartilhar o chuveiro com homens biológicos é cultura do estupro.”

Os defensores de direitos LGBT argumentam que casos como os de Jason e Reese, além de raros, já são enquadrados como crime, enquanto a população trans, na prática, fica à margem da lei.

“Sabe o que é irônico? Esses mesmos conservadores ficariam chateados se alguém propusesse banir armas porque criminosos as usam”, diz Libby Anne, “evangélica convertida em feminista atea”.

Em 2013, pesquisa da Universidade da Califórnia (Estado sem restrições de gênero para o uso de sanitários) mostrou que 70% dos transgêneros sofreu agressão física ou verbal no banheiro, e 54% relataram complicações como infecção urinária por evitarem sanitários públicos.

No Brasil não há leis sobre a questão, mas um processo no Supremo Tribunal Federal discute se transexuais podem escolher o banheiro.

*Anna Virginia Balloussier*

**Acesse o PDF:** [Uso de banheiros por transgêneros polariza opiniões nos Estados Unidos \(Folha de S.Paulo, 08/08/2016\)](#)

---

# Hillary Clinton é primeira mulher a concorrer à Presidência dos EUA

**(Agência Brasil, 26/07/2016)** A ex-secretária de Estado Hillary Clinton passou a ser, hoje (26), a primeira mulher candidata à Presidência dos Estados Unidos por um grande partido. A oficialização da candidatura de Hillary foi feita no segundo dia da convenção nacional do Partido Democrata, no Centro Well Fargo, em Filadélfia, estado da Pensilvânia.

Em votação nominal, os democratas asseguraram a escolha de Hillary Clinton antes do fim da contagem, quando a candidata atingiu o apoio de 2.383 delegados, que é o mínimo necessário para um candidato ser nomeado pela convenção.

## **Leia mais:**

[Para as garotinhas assistindo, posso ser a 1ª mulher presidente, diz Hillary \(Folha de S.Paulo, 27/07/2016\)](#)

[Hillary Clinton faz história e garante indicação democrata à Presidência dos EUA \(HuffPost Brasil, 26/07/2016\)](#)

Ao longo da campanha, Hillary Clinton obteve o apoio de 2.807 candidatos e foi com esse número que ela chegou à convenção como favorita, sendo

inclusiva apoiada pelo seu principal rival Bernie Sanders. Mas, durante a convenção, esse apoio chegou a ser questionado depois que um setor do partido, que apoia Bernie Sanders, ameaçou desafiá-la.

No primeiro dia da convenção, esse setor desafiador do partido chegou inclusive a vaiar a pré-candidata Hillary cada vez que seu nome era mencionado, e até elogiado, por Bernie Sanders. O comportamento desses convencionais que se opuseram a Hillary chegou a preocupar a direção do Partido Democrata, que passou a apostar no discurso do ex-presidente Bill Clinton, e marido de Hillary, como forma de acalmar os ânimos.

A oposição desse setor do Partido Democrata se fortaleceu na semana passado, quando foram vazados os conteúdos de milhares de emails que mostram claramente o favorecimento da cúpula partidária a Hillary Clinton, em prejuízo de Bernie Sanders. A cúpula dos democratas porém pediu desculpas a Sanders e este apoiou Hillary durante a convenção.

### **Emoção no discurso**

Em tom pessoal e emotivo, o ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, discursou ontem (26) na convenção nacional do Partido Democrata, enaltecendo as qualidades profissionais e pessoais de sua mulher, Hillary Clinton, para concorrer às próximas eleições presidenciais, em novembro deste ano. Ele advertiu aos eleitores que a Casa Branca, residência dos presidentes norte-americanos, não pode ser o local de moradia de Donald Trump, candidato do Partido Republicano. “A escolha certa é Hillary Clinton”, disse Bill.

Dirigindo-se ao auditório – surpreendentemente unido – depois de várias desavenças ocorridas no primeiro dia da convenção, Bill Clinton disse: “Hillary é a única qualificada para aproveitar as oportunidades e reduzir os riscos [que os Estados Unidos enfrentam]”. Acrescentou que ela é a pessoa certa para tomar decisões que impliquem mudanças de políticas, em uma resposta às constantes críticas de Donald Trump de que a candidata democrata não é capaz de alterar os rumos das políticas adotadas até o momento pelo governo.

Ao contrário das acusações de Trump, Hillary fez, ao longo da campanha, várias promessas de que vai combater a desigualdade de renda, encaminhar medidas regulamentando a posse de armas e controlar Wall Street (o centro financeiro dos Estados Unidos).

### **Marco histórico**

Ao oficializarem a candidatura de Hillary, que se tornou a primeira mulher a se candidatar à presidência dos Estados Unidos, os delegados do Partido Democrata, reunidos ontem (26) no centro de convenções Wells Fargo, na Filadélfia, no estado da Pensilvânia, tomaram uma decisão que se tornou um marco histórico. Na trajetória histórica de 240 anos da política norte-americana, as mulheres só alcançaram o direito de voto em 1920, depois da aprovação da 19ª emenda na constituição dos Estados Unidos.

Sem estar pessoalmente presente na convenção - ela se encontrava em Nova York -, Hillary Clinton fez ontem a seguinte declaração satélite aos participantes do evento: “Para algumas das meninas presentes [à convenção], e que ficaram até tarde para assistir [ao evento], tenho o seguinte a dizer: eu posso me tornar a primeira mulher presidente, mas uma de vocês pode ser a próxima”.

Apesar da união dos delegados, no âmbito da convenção, do lado de fora havia protestos contra a escolha de Hillary Clinton para representar o Partido Democrata nas eleições presidenciais norte-americanas. Três pessoas foram presas.

*José Romildo; Edição: Fábio Massalli*

**Acesse no site de origem:** [Hillary Clinton é primeira mulher a concorrer à Presidência dos EUA \(Agência Brasil, 26/07/2016\)](#)

---



# EUA: Taxa de assassinato de negros é oito vezes maior que de brancos

*(O Globo, 11/07/2016) ONU mostra média de homicídios de 19,4 afro-americanos por cem mil entre 2010 e 2012*

Negros são oito vezes mais propensos a serem assassinados do que brancos nos EUA e 12 vezes mais vulneráveis do que um indivíduo num país desenvolvido, de acordo com uma nova análise das Nações Unidas.

O levantamento, feito pelo Escritório de Drogas e Crimes da ONU (UNDOC) e pelo Centro Americano de Controle de Doenças, com dados do blog FiveThirtyEight, revelou que uma média de 19,4 negros americanos por cem mil pessoas foram mortos entre 2010 e 2012. O segundo índice mais alto deste tipo de crime foi na Lituânia, com 6,9 pessoas por cem mil.

***Leia mais:*** [Foto de mulher negra desafiando polícia vira símbolo de protestos nos EUA \(O Globo, 11/07/2016\)](#)

A população hispânica nos EUA tem uma taxa de assassinatos de cerca de 5,3 por cem mil pessoas — quase a mesma da média nacional de 5,2 — mas o índice entre pessoas brancas é de apenas 2,5 por cem mil. A taxa média nos países desenvolvidos é de 1,6 por cem mil.

Os EUA testemunham protestos pela morte de dois negros nos últimos dias. Philando Castile, de 34 anos, em Falcon Heights, Minnesota, e Alton Sterling, de 37 anos, em Baton Rouge, na Louisiana, foram assassinados por policiais. Outro homem, Derawn Small, de 37 anos, foi morto por um policial fora de serviço quando ambos se envolveram num acidente de carro. E cinco policiais foram mortos por um atirador negro durante um protesto em Dallas. Segundo o chefe de polícia da cidade, David Brown, o atirador disse que queria “matar brancos, especialmente policiais brancos”.

**Uma centena mortes só este ano**

Mais de cem negros foram mortos por policiais nos EUA em 2016. O movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) começou em 2012 depois que o segurança branco George Zimmerman foi absolvido pelo assassinato do jovem negro desarmado Trayvon Martin, em Sanford, na Flórida. A campanha ganhou projeção nacional depois das mortes de Michael Brown, em Ferguson, Missouri, em 2014, e de Freddie Gray, em Baltimore, Maryland, em 2015.

**Acesse o PDF:** [EUA: Taxa de assassinato de negros é oito vezes maior que de brancos \(O Globo, 11/07/2016\)](#)

---

## **‘Miss Teen’ EUA exclui desfile de biquíni, considerado sexista**

**(G1, 29/06/2016)** *Candidatas irão desfilar com trajes de gala e roupas esportivas.*

*Edição deste ano será realizada no dia 30 de julho em Las Vegas.*

Uma dos principais concursos de beleza dos Estados Unidos excluiu a competição em trajes de banho, trocando biquínis por roupas esportivas, como reação às queixas de que o desfile de biquíni era sexista e degradante.

O ‘Miss Teen’ EUA, aberto para mulheres de 14 a 19 anos, informou em seu site que “em uma sociedade que aumenta a prioridade do feminismo e da igualdade, ver mulheres desfilando em um palco de biquíni pode ser antiquado”.

A organização do Miss Universo, que administra o concurso, anunciou que a partir de agora as candidatas serão julgadas vestindo roupas esportivas, além de trajes de gala e em competições de personalidade.

“O Miss Teen EUA mudou para trajes de esporte para ser visto de maneira

menos exploradora e mais focada na importância da aptidão física de nossas jovens participantes”, afirmou.

A reforma foi bem vista pela atual Miss Teen EUA, Katherine Haik, que considerou esta “uma ótima forma de celebrar a vida ativa que tantas jovens mulheres levam, além de deixar um forte exemplo para nossos companheiros”.

A edição de 2016 do concurso Miss Teen EUA, que será transmitido online, acontecerá em Las Vegas no dia 30 de julho. A cada ano, jovens de cada um dos 50 estados e uma da capital, Washington D.C., competem pela coroa.

A marca Miss Universo pertenceu durante muitos anos a Donald Trump, o bilionário que é o virtual candidato republicano à Casa Branca. No ano passado, ele a vendeu para um grupo de gestão de talentos.

***Acesse no site de origem: [‘Miss Teen’ EUA exclui desfile de biquíni, considerado sexista \(G1, 29/06/2016\)](#)***

---

## **Suprema Corte nos EUA derruba restrições de aborto**

***(O Globo, 27/06/2016)*** *Ao desqualificar lei do Texas, tribunal pode eliminar obstáculos em diversos estados*

A Suprema Corte dos EUA derrubou, nesta segunda-feira, algumas das mais duras restrições ao aborto naquele país, abrindo caminho para alterar medidas parecidas em outros estados. Ativistas em prol dos direitos reprodutivos comemoram o que pode ser uma das suas maiores vitórias desde a aprovação do direito ao aborto nos EUA, em 1973.

A decisão do mais alto tribunal americano impede o Texas de fazer valer uma lei que levou ao fechamento de diversas clínicas de aborto. Apenas 19

continuariam funcionando, sendo que dez dessas ameaçavam fechar as portas se a Suprema Corte não derrubasse a lei.

De acordo com a legislação, sancionada em 2013, clínicas que fazem aborto devem cumprir as mesmas exigências feitas a centros de cirurgia médica. A lei também exigia que médicos que realizam abortos deveriam ter privilégios de internação em hospitais próximos. Cinco membros da Suprema Corte decidiram contra a legislação, enquanto apenas três a apoiaram.

Ativistas em prol de direitos reprodutivos vinham criticando lei, dizendo que não passa de uma tentativa de impedir mulheres de fazer aborto. Eles argumentam que pacientes que fazem aborto raramente precisam de internação e que a maioria apenas ingere dois comprimidos. As mulheres que precisam de cirurgia submetem a um procedimento de dez minutos, dizem os grupos militantes. Eles também afirmam que complicações após a cirurgia são extremamente raras.

O governo do Texas defendeu as restrições, dizendo que estados têm a prerrogativa de criar leis em áreas nas quais há incertezas médicas e científicas. O governo local afirma que a lei foi criada para “garantir a segurança das pacientes e elevar os padrões de cuidados”.

De acordo com o “Washington Post”, os legislativos estaduais aprovaram mais de 200 restrições sobre o aborto nos últimos cinco anos. A decisão desta segunda-feira pode afetar medidas em 12 outros estados dos EUA. No centro do caso analisado estavam as diretivas anunciadas pela Suprema Corte em 1992. Leis estaduais não podem criar “encargos indevidos” sobre o direito constitucional que uma mulher tem de terminar sua gravidez antes de o feto ser viável, declarou o tribunal na época

O aborto tende a ser um tema importante nesta eleição. Há alguns meses, o virtual candidato republicano, Donald Trump, tentando se aproximar do eleitor de extrema-direita, chegou a defender a punição para a mulher que comete o aborto - algo que foi criticado por conservadores e ele teve de voltar atrás em suas declarações. Hillary Clinton, por sua vez, se aproxima cada vez mais da esquerda e dos direitos da mulher.

A decisão ocorre alguns dias após a Suprema Corte ter um empate sobre os programas de imigração do governo de Barack Obama que, na prática, inviabilizaram o plano de conceder autorizações para trabalho e estudo para cerca de 5 milhões de pessoas. Novamente era um questionamento do Texas, um dos estados mais conservadores do país e governado por republicanos, contra um projeto nacional.

*Henrique Gomes Batista*

**Acesse o PDF:** [Suprema Corte nos EUA derruba restrições de aborto \(O Globo, 27/06/2016\)](#)

---

## **Mulher negra abolicionista estampará nota de US\$ 20 no lugar de escravocrata**

**(Folha de S. Paulo, 20/04/2016)** O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos anunciará na tarde de quarta-feira (20) que Harriet Tubman, mulher negra que ajudou milhares de escravos a escapar para a liberdade no século 19, substituirá o escravocrata Andrew Jackson como efígie na nota de US\$ 20, de acordo com um dirigente do Tesouro. Outras imagens relacionadas às mulheres e a líderes dos direitos civis também serão parte do novo design das notas.

Alexander Hamilton, primeiro secretário do Tesouro na história dos EUA, continuará a ser a face da cédula de US\$ 10. Ele ganhou popularidade recentemente devido a um musical sobre sua vida na Broadway. Deve haver imagens de mulheres no verso da nova nota.

Os novos projetos gráficos, criados pelo Bureau of Engraving and Printing -a divisão do Tesouro encarregada de desenvolver cédulas, títulos, patentes e

diplomas-, deveriam ser formalmente anunciados em 2020, em tempo para o centenário do sufrágio feminino e da emenda constitucional que o autorizou nos Estados Unidos. Nenhuma das novas notas, entre as quais uma nova cédula de US\$ 5, deve entrar em circulação antes da próxima década.

Alguns grupos de mulheres vêm criticando pesadamente o secretário do Tesouro Jacob Lew por abandonar sua promessa, feita dez meses atrás, de colocar uma mulher na nota de US\$ 10, a próxima na fila para uma mudança de projeto gráfico concebida como forma de dificultar falsificações.

Nos meses abertos a comentários públicos sobre o novo design da nota que se seguiram à promessa, Lew terminou por ceder à pressão em favor de Hamilton.

## **FENÔMENO HAMILTON**

Quando Lew anunciou, em junho, que era provável que uma mulher se tornasse a efígie da nota de US\$ 10, ele imaginou que isso poderia ser positivo para o governo Obama. Mas isso foi antes que “Hamilton”, um musical de rap, criasse legiões de novos fãs para Alexander Hamilton, um dos pais fundadores dos Estados Unidos, que já serve como efígie da cédula de US\$ 10.

O fato de que “Hamilton” e seu criador, Lin-Manuel Miranda, ganharam o Pulitzer de teatro esta semana não facilitou as coisas. Miranda fez pressão pública sobre Lew para que ele mantivesse Hamilton como efígie da nota, e atraiu a adesão de milhares de outros fãs do estadista em todo o país.

Mas antes do anúncio formal, diversas mulheres recorreram à mídia para afirmar que uma vitória de Hamilton seria uma derrota para as muitas mulheres que desejam que alguém de seu sexo se torne a efígie de uma nota.

“É mais uma ocasião em que as mulheres estão sendo forçadas a esperar pela sua vez”, escreveu a comentarista política Cokie Roberts quarta-feira no jornal “The New York Times”.

Outras mulheres não abandonaram a esperança, dado o número de notas que terão de ser reformuladas.

“Pode parecer que temos coisas mais importantes com que nos preocupar, mas todas nós estaremos de olho para garantir que eles encontrem outras oportunidades”, disse a senadora Claire McCaskill, democrata do Missouri.

*Jackei Calmes, Tradução de Paulo Migliacci*

**Acesse o PDF:** [Mulher negra abolicionista estampará nota de US\\$ 20 no lugar de escravocrata \(Folha de S. Paulo, 20/04/2016\)](#)

---

## **Justiça americana valida processo contra Bill Cosby**

**(UOL, 04/02/2016)** Um juiz da Pensilvânia (nordeste) validou nesta quarta-feira o processo criminal aberto contra Bill Cosby por violência sexual - que foi contestado pelos advogados do ator. Os advogados de Bill Cosby começaram nesta quarta-feira o segundo dia de debates num tribunal da Pensilvânia para exigir a anulação do processo contra o famoso comediante acusado de agressão sexual.

**Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude:** [Justiça americana valida processo contra Bill Cosby \(UOL, 04/02/2016\)](#)